

## O DESENCANTAMENTO DO MUNDO SEGUNDO MAX WEBER

**Matêus Ramos Cardoso**

Especialista em Filosofia e Ciências da Religião  
Professor de Filosofia na E.E.M Macário Borba, Sombrio-SC  
E-mail: [teus33@yahoo.com.br](mailto:teus33@yahoo.com.br)

**Resumo:** Max Weber analisa a realidade moderna e, nessa análise, volta-se ao passado e, enquanto tipo-ideal, argumenta que a racionalização existente nas sociedades modernas recebeu grande influência do contexto metafísico-religioso, que para ele seria o ponto de partida da humanidade. Mas, com o desencantamento do mundo, a vida, a natureza passam a ser vistas como passíveis de domínio, pois, nelas não há nada mais de Sagrado.

**Palavras-chave:** Max Weber. Desencantamento do Mundo. Natureza.

**Abstract:** Max Weber analyzes the modern reality, and this analysis back to the past and as ideal type argues that streamlining existing in modern societies has received great influence of the religious-metaphysical context, which for him would be the starting point of humanity . But with the disenchantment of the world, life, nature come to be seen as amenable domain, because in them there is nothing more sacred.

**Key-words:** Max Weber. Disenchantment of the World. Nature.

## **INTRODUÇÃO**

O objetivo desta pesquisa se concentra na tentativa de analisar o desencantamento do mundo sob a ética weberiana, focando o olhar em como a existência e acima de tudo a natureza se tornou passível de puro domínio.

A pesquisa tem o intento de entender um pouco mais sobre a realidade moderna, sob a perspectiva do meio ambiente, e nada melhor do que compreendê-la através do olhar minucioso de Weber. E com isso descobrir a relevância que esse tema tem para tal período histórico, considerando que para o autor, a racionalização, que se dá enquanto processo, é uma característica da modernidade.

Este estudo pretende caminhar o mais fiel possível ao pensamento original weberiano, apresentando, também, o que consiste a singularidade da civilização ocidental, enquanto imersa num processo de racionalização.

Daí buscar compreender como que a racionalização mantida na modernidade pela intelectualização, que tem a ciência como grande expoente, caminha com as influências religiosas, despoja a natureza da sua plasticidade mística.

De modo algum se tem a pretensão de esgotar o assunto, mas a intenção está em caminhar nos passos necessários, para a compreensão dos conceitos que sustentam a discussão a ser apresentada.

## **O DESENCANTAMENTO DO MUNDO**

Tal termo é um dos que mais marcam a escrita de Weber, pois com ele o autor descobriu ser possível designar, com propriedade, o longuíssimo período de racionalização por que passou a religiosidade ocidental. E devido a sua importância, especialmente para este trabalho, será analisado a partir de sua terminologia.

É importante lembrar que esse termo, nas obras do pensador alemão, não significa perda, carência. Sendo que o termo desencantamento do mundo não é desencanto, como alguém que se desencanta com outra pessoa, e não pode ser confundido com um estado de espírito que possa se encontrar desencantado, como uma espécie de desapontamento, desilusão. Tais significados nada têm a ver com o que Weber quer dizer quando usa a

expressão desencantamento do mundo. Na verdade, este conceito (e isso é muito importante) tem a intenção de explicar o mundo e não lamentá-lo: “O desencantamento em sentido estrito se refere ao mundo da magia e quer dizer literalmente: tirar o feitiço, desfazer um sacrilégio, escapar da praga rogada, derrubar um tabu, em suma quebrar o encanto”. (PIERUCCI, 2003, p.7).

Etimologicamente a palavra desencantamento em alemão é *Entzauberung*, que tem como significado literal a *desmagificação*. Aumenta-se a compreensão do termo quando se dá o significado da palavra alemã *Zauber*, que quer dizer magia, encanto, fascínio atração, etc. Daí, num primeiro momento, desencantamento é deixar de lado o encanto, perder o fascínio, e *Entzauberung der Welt* seria a “desmagificação do mundo” num sentido literal, e que no contexto das obras de Weber ganha o significado de desencantamento do mundo.

A posição aqui dotada é a de que ele se inspirou para criar tal termo nas reflexões estéticas do poeta alemão Friedrich Von Schiler (1750 -1805). A palavra utilizada por este autor era *Entgötterung der Natur*, que tem como significado *desendeusamento da natureza*: “Parece mesmo que Weber era dado a tomar empréstimos da alta literatura alemã.” (PIERUCCI, 2003, p. 30). E Weber, por sua vez, “... usa a idéia de “desdivinização” para se referir precisamente ao “mecanismo desdivinizado” do mundo.” (PIERUCCI, 2003, p. 30).

Segundo um estudo pormenorizado que o comentador de Weber, Antônio Flávio Pierucci fez do termo aqui analisado, Max Weber usa dezessete vezes o termo desencantamento do mundo, “... das dezessete incidências do significante, em nove ele vem usando para significar “desmagificação”; em quatro, com o significado de “perda de sentido”, e nas quatro restantes ele vem com as duas acepções.” (PIERUCCI, 2003, p. 58). Assim, quando ele fala de desencantamento do mundo, está querendo se referir ao um mundo onde há uma “desmagificação” e/ou perda de sentido.

Mas tal termo não é unívoco, ele muda dependendo da questão da qual está tratando e aqui está se referindo a um mundo duplamente desencantado. E para tanto, são duas as forças que atuam neste processo de desencantamento do mundo. Uma delas é a própria religião que age num processo de “desmagificação” das vias de salvação; a outra é a ciência, uma força empírico-intelectual, que ao desencantar o mundo, o transforma num mero mecanismo causal. Assim, acontece o desencantamento do mundo todas as vezes em que os

elementos mágicos do pensamento vão sendo desalojados do contexto religioso, e todas as vezes em que as idéias vão possuindo cada vez mais uma consistência sistemática e também naturalística, ou seja, científica.

Cabe, antes de tudo, analisar as forças deste processo, buscar entender o que seria o Jardim Encantado, ou seja, aquele contexto que antecede o desencantamento, para que seja mais fácil assimilar as forças que operam no desencantamento do mundo.

### **O “JARDIM ENCANTADO”**

Na tentativa de entender o que é o desencantamento do mundo segundo Max Weber, depara-se com o termo “Jardim Encantado” (Zaubergarten), que está para designar aquele passo anterior ao desencantamento do mundo. E na análise desse mundo, que se caracteriza por ser cheio de encantos, ter uma maior possibilidade de entrar na idéia weberiana de desencantamento. Daí a necessidade de dar um “passeio” curto por esse jardim.

A princípio, pode-se dizer que ele está para designar um mundo dominado pela magia, um mundo onde as ações são encantadas. E um bom exemplo disso, segundo Weber, está na China. É na sua obra “The Religion of China: confucianism and taoism” que sem tem uma maior clareza do que ele quer dizer, sendo que a China é uma grande demonstração do que seria a metáfora do jardim encantado.

Aqui cabe aprofundar um pouco mais do que seria a discussão sobre a magia já feita no capítulo primeiro.

A China estava tomada pela magia de tal forma que a mentalidade mágica se espalhava por todos os lugares da sociedade, chegando ao ponto do imperador ser considerado um fazedor de chuvas. Lá havia astronomia, contudo, ela se desenvolveu de verdade quando os magos e os feiticeiros, através da observação do planeta Vênus, ou dos terremotos, etc, usavam tais observações para descobrir como estava o ânimo dos espíritos. Soma-se a isto a prática de adivinhação, que por sua vez era realizada através das observações dos desenhos aleatórios feitos pela poeira, ou em que posição estavam os pedregulhos. Tudo isso era utilizado, por exemplo, para saber como e quando deveria ser realizada uma construção de um

edifício. Até mesmo as formas que as montanhas possuíam eram carregadas de significado premonitório, ou seja, a capacidade de prever eventos.

Viver nesse jardim encantado, era viver na crença de atribuir poder aos espíritos a tal ponto que, até mesmo as construções de qualquer tipo, precisavam de cuidados mágicos. Aquilo que fosse feito precisava passar pelo olhar da magia, para que não se provocasse a ira dos espíritos.

No estudo weberiano, há duas religiões chinesas que são dominadas pela magia, duas religiões que habitam nesse jardim encantado, a saber, o Taoísmo e o Confucionismo.

O Taoísmo foi um grande incentivador desse tipo de crenças, pois acreditava-se, segundo seus ensinamentos, que os espíritos eram capazes de realizar ações de qualquer tipo. Mas, ambas as religiões, Taoísmo e Confucionismo, possuíam um relacionamento de “boa vizinhança” com a magia, ou seja, religiões muito próximas da magia.

O confucionismo, por exemplo, aceitava na religiosidade popular, elementos mágicos como o culto aos antepassados, onde se invocavam os antepassados para que cuidassem das famílias, ou seja, uma coação mágica dos espíritos.

Assim, vai se percebendo como as religiões chinesas propagam uma imagem mágica de mundo inserindo os seus adeptos num jardim encantado.

Segundo Weber, na sua obra *Ensaio Reunidos sobre Sociologia da Religião* (1888-1921), toda religião asiática é caracterizada pela imagem do jardim encantado. E neste jardim não havia qualquer ação que pudesse levar para fora dele, nem sequer uma ética prática nem qualquer espécie de coisa. . É como se houvesse uma “... onipresença da magia nas grandes culturas asiáticas...” (PIERUCCI, 2003, p. 128), onde há um encantamento estendido a todos os setores da esfera da vida.

Outra característica mágica deste jardim é a estereotipação própria da magia, onde, segundo Max Weber, a magia implica num ritualismo, com sua fixação, e porque não dizer paralisia, congelamento, numa palavra, o tradicionalismo. A China neste sentido se caracteriza como um belo jardim encantado, onde há um apego, um respeito aos rituais e as tradições. Portanto, na China não havia uma motivação interior que poderia realizar uma

ruptura com a tradição, com a magia. Daí dizer que a China, pelo seu bom relacionamento com a magia, não quebra o feitiço, permanece no jardim encantado.

Daí poder dizer que estar neste jardim encantado é estar num jardim no qual vigora o monismo mágico que apresenta os deuses, os espíritos, os seres humanos, e tudo mais numa “pura imanência” de um homogeneizado jardim de energias anímicas “povoado” de espíritos, onde quase tudo aí é ser vivente, uma vez que há sempre um ser “divino” que se encanta em algum elemento mineral, como na água, na pedra, no raio.

Mas, então, como sair deste jardim encantado? Como desencantar um mundo como esse? Religião e ciência são dois caminhos, duas forças, que agora passam a ser analisadas como forças desencantadoras.

## **RELIGIÃO ENQUANTO DESENCANTAMENTO DO MUNDO**

Já que o termo desencantamento está estritamente relacionado com desmagificação, poderia se começar perguntando: Que atração é essa que é deixada de lado? Que fascínio? Que encanto é esse? E responder dizendo, que é aquele encanto, fascínio, atração, que a magia exerce sobre a realidade e é deixado de lado pela própria religião.

Assim, deve-se entender, através do percurso que até aqui se fez, que o desencantamento do mundo religioso aconteceu como consequência das ações antes tomadas no próprio campo religioso, ou seja, o que acontece é um desencantamento *intrarreligioso*. E, portanto, temos como ponto de partida para tal processo os profetas, os primeiros criadores e propagadores do processo de desencantamento, em especial os profetas emissários. Os pertencentes a tal profecia acreditavam não ser necessário recorrer à magia, ou a qualquer outra mediação para se chegar a Deus. Portanto, pelo que já foi apresentado, é sabido que tal profecia implica num rompimento com as práticas mágico-sacramentais. Isso com as seitas protestantes é levado a cabo, onde somente se confiava em Deus, sem precisar confiar em qualquer outro meio:

Aquele grande processo histórico-religioso do desencantamento do mundo que teve início com as profecias do judaísmo antigo e, em conjunto com o pensamento científico helênico, repudiava como superstição e sacrilégio todos os meios mágicos de busca de salvação, encontrou aqui sua conclusão. (WEBER, 2004, p. 96).

A sua conclusão acontece com as seitas protestantes, grandes “dessacralizadoras”. Pois, os protestantes “... consumaram a mais radical desvalorização de todos os sacramentos como meios de salvação e assim levaram o “desencantamento” religioso do mundo, às suas últimas conseqüências.” (WEBER, 2004, p. 133).

E assim, a religião vai deixando de lado tudo aquilo que se refere à magia, ou ao caráter sacramental, vai desistindo de tudo que se refere a isso. E este é o ponto essencial para se entender o que significa a desmagificação. Então, pode-se dizer que o desencantamento do mundo religioso ocorre como libertação progressiva dos pressupostos mágicos e religiosos-sacramentais, e assim, o puritano devia estar “... isolado de todos os meios mágicos de salvação.” (WEBER, 1982, p. 334). Tanto que o que resta para o crente é o trabalho, que se realiza de forma metódica e racional, e na medida em que a racionalização da conduta de vida chega, sai a magia que enquanto teórica, é irracional:

Não é preciso conhecer muito da sociologia de Weber para daí deduzir, segundo as regras básicas de seu pensamento, que não há racionalização possível da conduta de vida (...) sem que se quebre não só o feitiço, mas o poder do feiticeiro sobre a mente das pessoas. (PIERUCCI, 2003, p. 76).

Assim, nas palavras do próprio Weber “O desencantamento do mundo: a eliminação da magia como meio de salvação.” (WEBER, 2004, p. 106). E esta é uma forma que o pensador alemão tem para saber em que ponto está a racionalização de uma religião, já que se entende o desencantamento do mundo como uma racionalização no campo religioso.

Um dos primeiros critérios para saber como está a racionalização de uma religião é saber sobre “... o grau em que uma religião se despojou da magia.” (PIERUCCI, 2003, p. 117). E quanto mais se “... reprime a crença na magia, “desencantando” assim, os fenômenos do mundo, (...) estes perdem seu sentido mágico...” (WEBER, 1994, p.334).

Uma religião que age assim tem por característica negar a magia de toda e qualquer forma, negando todo o poder que ela exerce sobre a realidade, sua eficácia e poder, como meio de salvação.

Mas rompe, “deixa de lado”, não como um fim em si, mas sim substituindo tais práticas por uma conduta ética, e o interessante é que esta é a outra “face da moeda” do desencantamento do mundo: a eticização. Uma vez que uma religião desencanta, ela moraliza,

conferindo à vida uma conduta ética. Pois, o valor religioso é totalmente transferido para a conduta diária, sendo que é ali o lugar das bênçãos de Deus. Assim, os acontecimentos de caráter metafísico perdem seu encanto, como a magia, uma vez que o encanto mágico de um mundo povoado por espíritos oferece apenas um sentido particionado da realidade, sendo que a magia não dá um caráter duradouro à vida, ela é inconstante, e “..não fixa um “estado duradouro” (...) não assenta um “*habitus*” sagrado permanente...”. (PIERUCCI, 2003, p. 88). Por isso que quando se elimina a magia, ela é substituída por uma ordem significativa, onde há um sentido totalizante, único e duradouro, e então, o mundo é compreendido como um problema de sentido ético. “Quando uma religião se moraliza “para valer”, ela desencanta o mundo e, vice-versa: quando uma religião se desmágica “até o fim”, não resta outro caminho àqueles que a seguem a não ser o ativismo ético-ascético no trabalho profissional cotidiano.” (PIERUCCI, 2003, p. 126). Assim, quando religião desencanta o mundo ela carrega uma força ética, uma moralização religiosa do cotidiano. Segundo Max Weber só há de fato uma moralização da religião, se dela se extirpar toda ação mágica. Sendo que isso ocorre somente quando há uma profecia que venha do lado de fora do jardim encantado, baseada num “... Deus supramundaneamente ético.” (PIERUCCI, 2003, p. 129).

Portanto, viver de acordo com um Deus supramundano, é viver tendo um estilo de vida que leve em consideração, que a vida agora é regida por ações que não ofendam a Deus. Pois, não mais se obriga a Deus a fazer a vontade humana, pelo contrário, a posição agora é de reverência a um Deus ético com suas exigências. Daí a noção de pecado ser tão forte numa religião desencantada, pois o que há numa religião, assim, é a obediência aos mandamentos de Deus, e não mais aquela vida desconexa entre a pessoa e o mundo dos espíritos. E toda vez que as súplicas não fossem atendidas, a culpa não era de Deus, mas devido a má conduta de vida dos homens. Daí uma conduta de vida que agradasse a Deus.

## **CIÊNCIA ENQUANTO DESENCANTAMENTO DO MUNDO**

Eis, na análise deste trabalho, a segunda força que desencanta o mundo, a ciência que possui um papel importante neste processo, acima de tudo porque ela pertence a esse processo de intelectualização do qual escreve Weber.

Nessa posição o desencantamento do mundo, operado pela ciência, se caracteriza por desfazer a imagem de mundo religioso, de um Deus transcendente, este é o principal ponto de partida para este tópico, pois o intelectualismo peculiar à ciência moderna refuta a ideia de que o mundo possua um significado que lhe é conferido por um Deus.

Assim, o termo é usado para “... dar conta também dos efeitos corrosivos da ciência experimental moderna sobre as pretensões de validade objetiva das visões de mundo que veem o mundo dotado de um sentido objetivo...” (PIERUCCI, 2003, P. 142).

É exatamente contra esse postulado que a ciência age como uma força desencantadora. Se por um lado, antes, com a religião, desencantava-se o mundo da magia, dos rituais, dos deuses, dos espíritos, buscando mostrar que o que há é uma visão da realidade, com a ciência é agora esta imagem que é desencantada.

Esse processo, portanto, pode ser descrito, num primeiro momento, como a religião que deixa de lado a magia, tirando o encanto do mundo, colocando na lacuna deixada um sentido metafísico de um cosmo ordenado por Deus, um mundo carregado de sentido. E a ciência, por sua vez, retira tal visão de mundo, apresentando um mundo sem o “véu” divino:

Primeiro a religião (monoteísta ocidental) *desalojou* a magia e nos entregou um mundo natural “desdivinizado”, ou seja, devidamente fechado em sua “naturalidade”, dando-lhe, no lugar do encanto mágico que foi exorcizado, um sentido metafísico unificado, total, maiúsculo; mas depois, nos tempos modernos, chega a ciência empírico-matemática e por sua vez *desaloja* essa metafísica religiosa, entregando-nos um mundo ainda mais “naturalizado”, um universo reduzido a “mecanismo causal”, totalmente analisável e explicável, incapaz de sentido objetivo, menos ainda se for uno e total, e capaz apenas de se oferecer aos nossos microscópios e aos nossos cálculos matemáticos em nexos causais inteiramente objetivos mas desconexos entre si, avessos à totalização, um mundo desdivinizado que apenas eventualmente é capaz de suportar nossa inestancável necessidade de nele encontrar nexos de sentido, nem que sejam apenas subjetivos e provisórios, de alcance breve e curto prazo. (PIERUCCI, 2003, P. 145).

Corroendo a imagem metafísico-religiosa, a ciência desencanta o mundo transformando-o num nexos causal. Assim, o que acontece é que “... o conhecimento racional empírico funcionou coerentemente através do desencantamento do mundo e sua transformação num mecanismo causal.” (WEBER, 1982, p. 401). Acima de tudo porque a atitude que caracteriza a ciência é a de ser alheia ao divino.

Se por um lado o desencantamento religioso unificou a realidade sob a imagem de um Deus-ético exigente, o desencantamento científico despovoou essa imagem religiosa. O mundo é visto “nu”, sem Deus, e o ser humano, nesta perspectiva, não vê mais o mundo como dominado por forças impessoais:

Significa principalmente, portanto, que não há forças misteriosas incalculáveis, mas que podemos, em princípio, dominar todas as coisas pelo cálculo. Isto significa que o mundo foi desencantado. Já não precisamos recorrer aos meios mágicos para dominar ou implorar aos espíritos, como fazia o selvagem, para quem esses poderes misteriosos existiam. Os meios técnicos e os cálculos realizam o serviço. (WEBER, 1982, p. 165).

Assim, o véu de mistério que cobria a realidade é retirado. Pois, segundo Max Weber, o saber científico avança sem confiar em qualquer valor misterioso, transcendente, uma vez que tudo pode ser dominado pelo cálculo e, assim, a ciência liberta a humanidade de qualquer elemento religioso, e

deixa de ver a vida como algo dominado por forças impessoais e divinas para enxergar a natureza e a sociedade como passíveis de completo domínio pelo homem. Antes, eram os deuses que controlavam a vida do homem. Agora é o homem, através da ciência e da técnica, que “desdiviniza” a natureza e a sociedade e passa a controlá-las. (SELL, 2002, p. 128).

E o que resta para a religião é o irracional, pois ela não pode mais ter a pretensão de oferecer o racional.

Weber chega a dizer que o desencantamento do mundo é uma característica de nossos tempos, no qual as ideias religiosas se retiraram da vida pública. E este é um ponto importante, sendo que Weber não diz que o intelectualismo elimina a religião, embora possa corroer a imagem que ela fornece à realidade.

Contudo, Weber não via o progresso da razão científica como um crescimento necessário em outros campos da vida, como se a ciência proporcionasse um aumento da felicidade, ou um aumento na esfera material. Não vê o aumento do grau de racionalidade, que tem a ciência como maior expressão, como uma força que alavanca necessariamente a humanidade para graus superiores na esfera da vida. Pois, embora a ciência busque dominar, analisar pelo cálculo, e faz isso sem “pedir ajuda a Deus”, ela não pode nem mesmo dizer se vale a pena ou não ser um cientista, uma vez que ela não tem qualquer significado que vá

além do prático e técnico, acima de tudo porque ela não se propõe a isso, porque este não é seu objetivo. Não cabe a ela responder se a vida possui sentido ou não. Weber chega a citar a medicina como exemplo para essa questão. Ocorre, segundo ele, que “... a Ciência Médica tem a tarefa de manter a vida como tal e diminuir o sofrimento na medida máxima de suas possibilidades.” (WEBER, 1982, p. 170). Todavia, não é papel da medicina dizer se vale a pena ou não viver.

Aqui se nota como Weber apresenta o lado negativo da modernidade, através da perda de sentido e da perda de liberdade, sintomas do mundo moderno.

A perda de sentido ocorre devido a gradual substituição da religião pela razão, onde na citação anterior se mostrava que não há mais a necessidade de “se recorrer a deuses” ou a “forças misteriosas”, uma vez que o mundo pode ser analisado, explicado pela ciência. E, assim, como o mundo nesta visão weberiana é, nada mais há do que leis próprias, nada mais há a se oferecer a não ser as leis causais da natureza que a ciência tem a pretensão de descobri-las. Sendo que “Tudo, em princípio absolutamente tudo, “sem resto”, diz Weber, pode ser cientificamente conhecido, e isso quer dizer: cientificamente explicado por nexos causais isolados e apenas parcialmente encadeados, jamais totalmente esgotados. (PIERUCCI, 2003, p. 157). Já que há tal substituição, essa mesma substituição é que gera a perda de sentido, porque sendo papel das religiões conferir sentido a realidade, a ciência não poderia ocupar o lugar da religião. Para o autor alemão este é o destino de nossos tempos.

Contudo, embora o ser humano tenha se libertado de forças impessoais e misteriosas, essa mesma humanidade se torna escrava de sua própria criação, e este é o segundo sintoma da modernidade para Max Weber, a perda de liberdade. Segundo ele, a mesma racionalização progressiva que libertou a humanidade das superstições, de Deus, tende a escravizá-la em rígidas estruturas institucionais.

O capitalismo seria essa rígida instituição mantida por uma racionalidade dos meios, uma vez que se deixou de lado a racionalidade dos fins, no qual se busca os meios mais adequados para alcançar fins próprios. A racionalidade dos fins também pode ser entendida como a capacidade de determinar o sentido da vida. Mas, é a racionalidade dos meios que toma conta da existência. Se por um lado, o calvinista via, no trabalho, um meio para se alcançar a salvação, a humanidade capitalista fez do trabalho um fim em si mesmo, o que

demonstra que a racionalidade entrou também no campo da economia. Daí dizer que o capitalismo se tornou o senhor da humanidade:

Na opinião de Baxter, o cuidado com os bens exteriores devia pesar sobre os ombros de seu santo apenas “qual leve manto de que se pudesse despir a qualquer momento”. Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço. No que a ascese se pôs a transformar o mundo e a produzir no mundo os seis efeitos, os bens exteriores deste mundo ganharam poder crescente e por fim irresistível sobre os seres humanos como nunca antes na história. Hoje seu espírito – quem sabe definitivamente? – safou-se desta crosta. O capitalismo vitorioso, em todo caso, desde quando se apóia em bases mecânicas, não precisa mais desse arrimo. (WEBER, 2004, p. 165).

Portanto, a humanidade que se esforçou para se libertar da magia, dos espíritos que rodeavam o mundo, liberta-se até mesmo das concepções religiosas, uma vez que o trabalho, que antes era impulsionado por uma ética protestante, por um mandamento divino, não mais possui qualquer outra intenção a não ser o trabalho pelo trabalho, e o meio ambiente nada mais é do que um meio para enriquecer. Todavia, o mesmo ser humano que busca se libertar de tudo isso, torna-se escravo de algo que ele próprio cria. O capitalismo criado retira a liberdade e o ser humano é preso, por si mesmo, numa “rija crosta de aço<sup>1</sup>”. O ponto de chegada da humanidade, que é uma sociedade racionalizada:

O ponto de partida da história religiosa da humanidade é portanto um mundo povoado de sagrado. Seu ponto de chegada, em nosso tempo, é o que Max Weber caracterizou como o desencantamento do mundo (*Entzauberung der Welt*). O sagrado, ou excepcional, que na aurora da aventura humana se associava a coisas e a seres que nos rodeiam, desapareceu, expulso pelos homens. O mundo (...) em que todos vivemos hoje, soviéticos e ocidentais, é feito de matéria ou de seres que se encontram á disposição da humanidade, destinados a serem utilizados, transformados, consumidos, e que não têm mais os encantos do carisma. Neste mundo material, desencantado, a religião tem que se retirar para a intimidade da consciência, ou escapar para além de um deus transcendente e um destino individual depois da existência terrena. (ARON, 2002, p. 795-796).

Se, por um lado, o ponto de partida da história da humanidade é um mundo povoado de sagrado, de mistérios que são respeitados, mas não explicados, o ponto de chegada é uma humanidade moderna que afirma ter a capacidade de explicar com a ciência, acima de tudo com a razão, buscar compreender o mundo que está a sua volta. A realidade é encaixada no

---

<sup>1</sup>Que pode também ser entendida como iron cage, jaula de ferro, na tradução de Parson s. Mas que tem mais fidelidade no pensamento weberiano com a tradução “rija crosta de aço” – *stahlhartes Gehause*.

intelecto humano (ou ao menos é isso que se tenta) e aquilo que está além disso é deixado de lado. O ser humano se desenvolveu, progrediu, mas desencantou o mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa, cujo objetivo era o de aprofundar a reflexão que Max Weber faz acerca do desencantamento do mundo, alcançou seu objetivo.

O homem moderno, mesmo que não perceba diretamente, recebeu o efeito dos conteúdos religiosos na conduta de sua vida. Daí dizer que a pesquisa perseguiu seu objetivo e o encontrou. Uma vez que a trajetória que se fez foi a de buscar compreender como o pensador alemão apresenta, que certa forma de religiosidade alimenta a racionalização de tipo ocidental, caracterizando a singularidade da civilização ocidental moderna, pois, racionalizações, como afirma Weber, sempre existiram, mas na modernidade ela recebe uma nova roupagem.

Mas, para entender o presente foi preciso olhar para o passado e perceber que tal processo inicia quando, no pensamento religioso, acontece a desmagificação, ou seja, um despojamento do caráter puramente mágico, sagrado da existência.

Eis o ponto chave para este artigo. No mundo moderno, não há mais a necessidade de recorrer a entidades metafísicas para dominar a realidade, isso é suprido pela razão e meios técnicos. A imagem metafísico-religiosa foi corroída. A consequência foi de que os valores supremos e sublimes se tornaram estranhos ao grande público. Assim, a natureza é uma mera massa de modelar.

O resultado da racionalização, na sociedade moderna, levou as estruturas metafísicas para o reino do irracional, elas que antes tão cuidadosamente habitavam a realidade humana. O espírito racional cria uma autonomia das esferas da vida, de forma que os conjuntos das atividades sociais se libertam do domínio das tradições ou daquilo que se entendia como sagrado, transcendente, para se definirem em função de uma lógica própria onde impera a eficiência e o cálculo.

O pensamento religioso despovoou, ou melhor, desencantou e unificou a imagem de mundo, libertando o mundo do caos em que vivia, num mundo carregado de entidades metafísicas, como era a imagem de mundo mágico. A racionalização, que tem a ciência como

grande expoente, acabou por devolver a imagem de caos à realidade. O mundo volta a viver numa guerra de deuses. E se por um lado o sentido objetivo da realidade de um “Deus Uno” foi destituído, por outro lado, a racionalização concede que se volte a viver num caos de uma realidade fragmentada pela razão.

A natureza não é vista mais como um jardim encantado, passível de contemplação, respeito, admiração. Ela não possui mais sentido, é uma mera máquina que tem que produzir.

## REFERÊNCIAS

ARON, R. **As etapas do pensamento sociológico**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PIERUCCI, A. F. **O Desencantamento do mundo**: Todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo: 34, 2003.

\_\_\_\_\_. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 13, n. 37, 1998.

SELL, C. E. **Sociologia clássica**. Itajaí: Edifurb, 2002.

WEBER, M. A ciência como vocação: In: **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 154-183.

\_\_\_\_\_. A psicologia social das religiões mundiais: In: **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 309-346.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.